

A COORDENAÇÃO ADITIVA NA LÍNGUA ESCRITA: UMA PERSPECTIVA FUNCIONAL

Pedro Henrique Truzzi de OLIVEIRA¹

RESUMO: Descreve-se o funcionamento das orações coordenadas aditivas na variedade escrita do português brasileiro com base nos níveis e camadas do arcabouço teórico da Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld; Mackenzie, 2008). A amostra envolve edições de abril de 2016 a abril de 2017 da revista *CartaCapital*. Examinou-se a simetria com base em relações de dependência semântica e manutenção de tópico discursivo, bem como a camada de incidência das orações nos níveis Interpessoal e Representacional.

PALAVRAS-CHAVE: coordenação; aditiva; escrita; português; gramática discursivo-funcional.

1. Introdução

1.1. Resumo do Projeto

Camacho (1999) nos lembra como os juntores das línguas naturais são costumeiramente associados a operadores lógicos de verdade ou falsidade, restringindo-se a isso o valor semântico das orações ligadas. Não cabe, contudo, considerar a partícula aditiva *e* como uma mera representação do operador lógico \wedge , isto é, $A \wedge B = AB$. O autor constata como “máximo que é possível afirmar da relação entre \wedge e *e* é dizer que \wedge é uma cristalização matemática de um dos recursos mais salientes de *e*.” (CAMACHO, 1999, p. 354).

Um olhar mais habitual da relação de coordenação recai no que Posner (1980 apud Schiffrin, 1986) chamou de visão minimalista. Por uma questão de adequação teórica, nos interessa aqui a visão maximalista, nos termos de Dik (1997) *Direct Approach*, uma vez que “A abordagem direta é mais compatível com o espírito da Gramática Funcional e requer a uma regra mediante a qual um dado item da estrutura subjacente de uma oração pode ser

¹ Graduando do Curso de Letras Licenciatura, na Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. Orientador: Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho. E-mail: pedro.truzzi@unesp.br

localmente multiplicado em ocorrências n-árias do mesmo item.”² (DIK, 1997, p. 195, tradução nossa). Essa escolha de abordagem melhor servirá à análise estruturada em termo dos Níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático, que será feita a seguir.

1.2. Delimitação do Fenômeno

O fenômeno em questão no presente estudo abrange as ocorrências da conjunção coordenativa aditiva *e*. Observou-se a presença do elemento nos casos de adição exclusivamente entre orações, aplicando-se a esses casos uma análise discursivo-funcional. Dik (1997b) define a coordenação como “uma construção consistindo em dois ou mais membros que são funcionalmente equivalentes, ligados no mesmo nível de estrutura por meio de um mecanismo conector”³ (DIK, 1997, p. 189; tradução nossa). Apesar de o autor falar também de casos de coordenação n-ária cujas ocorrências se dão sem a presença do juntor *e*, cabe ao presente trabalho avaliar apenas os casos em que a coordenação se faz através dela, buscando justamente examiná-la em seu funcionamento.

Dando atenção à história das conjunções na lusofonia, Longhin, Pezatti e Marques (2016, p. 4) lançam um olhar para o que denominam conexão simples, isto é, o mecanismo de ligação é único e está expresso, indicando o tipo de relação coordenativa entre os membros. Trazendo a terminologia proposta por Dik (1997), ressalta o caráter n-ário da conjunção aditiva, desde que unindo membros de “mesma função pragmática, semântica e sintática [...] assim, a estrutura categorial interna [como a classe morfológica] dos membros coordenados pode diferir desde que a função externa [possíveis citadas acima] seja a mesma”. Como exemplo, olhemos para o que nos trazem as autoras:

² The direct approach is ore compatible with the spirit of FG [and] requires a rule through which a given item in underlying clause structure can be locally multiplied into n-ary occurrence of the same item.

³ Coordination is a construction consisting of two or more members which are functionally equivalent, bound together at the same level of structure by means of a linking device

(1) [19, 1 CR BA] o filho do pobre, o da viúva, o do çapateiro, o do Alfaiate, o do Órfão, o desprotegido são presos, e metidos em cárceres, no momento em que vão comprar a carne, o peixe, a farinha, com que deveriam alimentar-se, e às suas famílias, nesse dia ou se dirigem ao trabalho de jornaleiro (LONGHIN; PEZATTI; MARQUES, 2016, p. 5).

Camacho (1999), por sua vez, busca, a princípio, mostrar as relações lógicas que se estabelecem entre as orações conectadas. Essa operação lógica entre duas orações conectadas por *e* é conhecida como funcional-veritativa (representada pelo símbolo \wedge), uma vez que se afirma ser “o valor da sentença resultante dependente exclusivamente do valor de cada um de seus membros componentes” (CAMACHO, 1999, p. 352). Entre os lógicos, no entanto, o autor afirma ser ponto pacífico a existência de divergências entre a significação de símbolos formais e a de suas formas análogas nas línguas naturais. É dito por Hegenberg (1972 apud CAMACHO, 1999, p. 353) que o *e* conjuntivo se traduz aproximadamente como “e em seguida” em casos como:

(2) Joana casou-se e teve um filho (CAMACHO, 1999, p. 353).

Desta forma, apresenta-se uma sucessão temporal de eventos, que não estabelecem correlação com o significado lógico de adição. Contudo, um fator importante: a equivalência funcional das orações coordenadas aditivas. Buscou-se tratar de um número mais abrangente de situações que envolvam o item gramatical *e*, com respaldo teórico na Gramática Discursivo-Funcional, cujos postulados básicos são fornecidos na seção 3.

2. Fundamentos Teóricos

Conforme mostra a Figura 1, a Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF) compreende fatores comunicativos e cognitivos: um componente gramatical que está

ligado com um componente conceitual, um de saída e um contextual, num processo de interação exercido através das operações de formulação e codificação. Hengeveld & Mackenzie (2008) explicam que o componente conceitual responde tanto pelo desenvolvimento da intenção comunicativa da situação atual de comunicação quanto das conceitualizações resultantes de eventos extralinguísticos. O componente de saída, por sua vez, gera as expressões acústicas ou escritas com base na informação fornecida pelo componente gramatical, enquanto que o componente contextual carrega o conteúdo precedente, o contexto real perceptível e as relações sociais entre os falantes.

Dentro desses pilares teóricos, a arquitetura de GDF segue uma orientação descendente (*top-down*), que começa com a intenção comunicativa desenvolvendo-se na formulação (Níveis Interpessoal e Representacional), pela codificação (Níveis Morfossintático e Fonológico) até a articulação. Essa ordenação respeita o que Dik (1997) chamou de adequação psicológica: quanto mais a organização da gramática estiver de acordo com o desenvolvimento da fala, tanto mais adequada é a representação. Nessa linha, a Pragmática rege a Semântica, a Pragmática e a Semântica regem a Morfossintaxe, e a Pragmática, a Semântica e a Morfossintaxe regem a Fonologia.

Cabe agora explicar sucintamente os quatro níveis incorporados ao componente gramatical. O primeiro é o **Nível Interpessoal**. Este nível, que abrange as variáveis da formulação envolvidas no contato entre o falante e o ouvinte, estratifica-se em diversas camadas. O Movimento (M_1), a maior unidade de interação relevante para a análise gramatical, pode ser definido como uma contribuição autônoma para a interação em desenvolvimento. Um Ato Discursivo típico contém categorias não hierárquicas, que são a Ilocução (F_1), os Participantes do Ato de Fala (P_1, P_2) que se alternam como Falante e Ouvinte, e um Conteúdo Comunicado (C_1), que contém a totalidade do que o Falante deseja evocar na sua comunicação com o Ouvinte. Cada (C_1) contém um ou mais Subatos, assim chamados por serem hierarquicamente subordinados aos Atos Discursivos. O Subato Atributivo (T_1) representa a evocação de uma

propriedade, enquanto um Subato Referencial (R_1), a evocação de um referente.

O segundo nível é chamado **Nível Representacional**, e trata dos aspectos semânticos de uma unidade linguística (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 55). Enquanto o Nível Interpessoal trata da evocação, o Nível Representacional trata da designação. Conteúdos Proposicionais (p_1), a mais alta unidade do Nível Representacional, são construtos mentais (conhecimentos, crenças e desejos) e por isso podem ser factuais, quando correspondem a conhecimentos ou crenças sobre o mundo real, ou não factuais, quando correspondem a desejos ou expectativas em relação a um mundo imaginário.

Conteúdos Proposicionais contêm Episódios (ep_1), que são conjuntos de Estados de Coisas tematicamente coerentes, isto é, com unidade ou continuidade de Tempo (t), Localização (l), e Indivíduos (x). Estados de Coisas (e_1), por seu lado, caracterizam-se pelo fato de poderem ser localizados no tempo e avaliados em termos de seu estatuto de realidade. Propriedades Configuracionais (f_1) são construídas mediante o uso de categorias semânticas que estabelecem uma relação não hierárquica entre si, incluindo Indivíduos (x_1), ou seja, objetos concretos que podem ser localizados no espaço, e Propriedades Lexicais (f_2), que não têm existência independente e só podem ser avaliadas em termos de sua aplicabilidade a outros tipos de entidade.

Na medida em que representa um construto mental, o Conteúdo Proposicional pode ser modificado, por exemplo, por advérbios evidenciais como *provavelmente*; já um Estado de Coisas representa uma categoria com uma existência espaço-temporal e não mental, como o Conteúdo Proposicional; pode, por isso, ser modificado por advérbios de tempo, modo e lugar. As camadas do Nível Representacional, assim como as do Nível Interpessoal, estão sujeitas à atuação de modificadores (elementos lexicais) e operadores (elementos gramaticais).

O terceiro nível, que tem relação com o processo de codificação, é o **Nível Morfossintático**, responsável por codificar todos os fatores formais previamente definidos na fase de formulação. O Nível Morfossintático contém Expressões

Linguísticas (Le_1), Orações (Cl_1), Sintagmas Morfossintáticos (Xp_1), Palavras Morfossintáticas (Xw_1), Raízes (Xs_1) e Afixos (Aff_1). Essas últimas três unidades podem ser de diferentes tipos, como Palavra Nominal (Nw) para unidades morfossintáticas reconhecidas como nome. Uma Expressão Linguística (Le_1) é qualquer conjunto de uma ou mais unidades, que compartilham as mesmas propriedades morfossintáticas. As unidades que se combinam em uma Expressão Linguística podem ser Orações, Frases ou Palavras. A introdução da Expressão Linguística como a categoria mais alta cria a possibilidade de lidar diretamente com expressões não sentenciais.

Uma Oração simples (Cl_1), em si mesma um agrupamento de um ou mais Sintagmas (Xp_1) e, possivelmente, Palavras (gramaticais) (X_1), caracteriza-se, em maior ou menor grau, por um padrão de ordenação desses Sintagmas e, também, em maior ou menor grau, por expressões morfológicas de conexão, em especial, regência e concordância (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012).

A Palavra propriamente dita (Xw_1), especialmente em línguas polissintéticas, pode ser altamente complexa. Além do fato de poder ser composta por Raízes (Xs_1) e Afixos (Aff_1), em algumas línguas, a Palavra pode, exatamente como qualquer outra camada de análise morfossintática, encaixar recursivamente camadas mais altas, como Sintagmas e Orações.

O quarto nível, o **Nível Fonológico**, é o último nível de codificação e, portanto, o mais abaixo na estrutura *top-down*. Ele recebe o *input* dos três níveis anteriores e dá o material final para o *output*, os componentes de saída. O Enunciado (U_1) é o maior trecho de discurso abrangido pelo Nível Fonológico. Um Falante tende a usar pausas mais substanciais para separar Enunciados de Sintagmas Entonacionais (IP_1), que se caracterizam por conter um núcleo ou movimento tonal localizado em uma ou mais sílabas, essencial para a interpretação do Sintagma Entonacional como um todo. O Sintagma Fonológico (PP_1) contém, em línguas acentuais, uma sílaba nuclear mais fortemente acentuada, que é geralmente o local principal para a queda ou subida global dentro do Sintagma Entonacional. A Palavra Fonológica (PW_1), para as línguas em que é relevante, exibe pelo menos um traço característico, que pode estar

relacionado ao número de segmentos, aos recursos prosódicos ou ao domínio das regras fonológicas. As Palavras Fonológicas dividem-se em Sílabas (S1), que, em línguas acentuais, agrupam-se em Pés.

Para finalizar essa discussão do arcabouço teórico, compete explicar algumas relações que Hengeveld e Mackenzie (2008) estabelecem entre os componentes anteriormente mencionados. No caso da relação entre os componentes conceitual e gramatical, observa-se que este é receptor das informações abrangidas naquele, servindo o primeiro, assim, de força de ação para o segundo. Agora, olhando para a interação entre componentes gramatical e contextual, aparece o material disponível no contexto enquanto objeto de total relevância para os processos que se dão no nível gramatical. Por último, a relação contida entre os componentes gramatical e de saída consiste na “tradução da informação digital (isto é, de base opositiva) na gramática para uma forma analógica (ou seja, continuamente variável)” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 67).

As relações finais que os autores buscam estabelecer se dão, desta vez, entre os níveis Interpessoal e Representacional. Por exemplo, verificamos uma relação necessária entre o Conteúdo Comunicado no Nível Interpessoal para que haja qualquer atuação do Nível Representacional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p, 68). Há também uma relação evidente, segundo os autores, entre os níveis Interpessoal e Morfossintático, uma vez que o segundo comumente é recurso de codificação das funções pragmáticas foco, tópico ou contraste, que surgem no primeiro. Cabe ainda ressaltar a relação entre o nível interpessoal e fonológico, que, independentemente de seu distanciamento na estrutura da GDF, mantém uma relação também com a codificação das funções pragmáticas, utilizando da entonação como recurso numa frase entonacional qualquer.

Fica, aqui, portanto, brevemente discutida a estrutura descendente da Gramática Discursivo-Funcional, cujos elementos de formulação e codificação foram considerados, dentro da ordem acima designada, para a análise dos dados obtidos, partindo sempre da pragmática, em direção à semântica, e à morfossintaxe, MOSAICO, SJ RIO PRETO, v. 19, n. 1, p. 96-119

sustentada pela situação comunicativa dos textos usados na base de procura das ocorrências.

3. Constituição da amostra e procedimentos metodológicos

3.1. Constituição da amostra

Como mostra a Tabela 1, o corpus consiste em 200 amostras retiradas da revista CartaCapital, uma revista de circulação nacional, edições compreendidas entre abril de 2016 e abril de 2017, o que representa a língua escrita encontrada em textos jornalísticos. Foram analisados apenas casos de ocorrência oracional, isto é, os casos em que *e* funciona como partícula coordenativa entre duas orações, estabelecendo uma relação pragmática ou semântica avaliada em níveis, Interpessoal (NI) ou Representacional (NR) e camada: Movimento, Ato Discursivo, Conteúdo Comunicado (NI) e Conteúdo Proposicional, Episódio e Estado de Coisas (NR).

A tabela 1 (ao fim do artigo) mostra haver uma distribuição quase equitativa entre os níveis considerados, com 53,5% das ocorrências no nível Interpessoal e 46,5% das ocorrências no nível Representacional. Nota-se também que estão distribuídas de forma menos concentrada em uma única camada no Nível, ao passo que o Nível Representacional concentra quase a totalidade das ocorrências na camada Estado de Coisas (EdC).

3.2. Procedimentos Metodológicos

Baseando-se na teoria da Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld; Mackenzie, 2008), para a análise das coordenações, foram levados em consideração fatores pragmáticos e semânticos. Incluem-se aí a simetria, a dependência semântica e a manutenção de tópico discursivo. Os autores consideram a coordenação um processo morfossintático, que reflete, mediante a independência das orações na Expressão Linguística, o caráter equipolente de atos discursivos no Nível Interpessoal e de conteúdos proposicionais no Nível Interpessoal.

A coordenação simétrica compreende duas orações

semanticamente independentes entre si:

(3) Um tribunal internacional de notáveis condena o impeachment de Dilma Roussef e os próximos jogos olímpicos não prometem nada de bom para o presidente interino (CartaCapital, Abril 2016, 911, p. 18).

A coordenação assimétrica, por sua vez, compreende a junção de duas orações em clara sequência temporal ou argumentativa. Da maneira como isso acontece, uma oração não pode existir sem a outra e a ordenação se enrijece para preencher esse requisito de operacionalidade da língua:

(4) Temer não foi eleito e seu programa também não foi, não passaria pelo crivo das urnas (CartaCapital, Abril 2016, 911, p. 22).

Uma maior ocorrência de orações simétricas se deu na camada do Ato Discursivo do NI e na camada Estado de Coisas do NR. Cabe dizer que a camada do Movimento, do NI, não permite ver relação de simetria ou de assimetria, uma vez que funciona, em todos os casos aqui observados, como finalizador de tópico.

A dependência morfossintática entre as orações não era de se esperar, uma vez que se trata de orações coordenadas, tradicionalmente chamadas assim por seu caráter de independência entre si. De fato, não ocorre mesmo nenhum tipo de dependência, embora duas orações coordenadas possam evocar dois conteúdos comunicados, estando ambas, portanto, sujeitas à uma oração principal que as coordena:

(5) Os sindicalistas diziam que o governo deveria combater a sonegação no recolhimento da contribuição patronal ao INSS e que instituir a idade mínima pune os mais pobres, que começam a trabalhar mais cedo (CartaCapital, Fevereiro 2016, n 889, p. 18).

Como observado na tabela 1, só foi possível constatar casos de dependência morfossintática entre as orações quando elas se encontravam na camada Conteúdo Comunicado do Nível Interpessoal.

Como terceiro fator, observou-se em quais contextos se usa a conjunção *e* como manutenção de tópico discursivo na oração e em quais casos ocorre a mudança de tópico discursivo no momento da coordenação, mesmo que estejam ambas as orações na mesma camada. No exemplo seguinte, a coordenação serve para manter o tópico e adicionar informações à construção relativa:

(6) “A proibição, que durou 24 horas e foi cassada pelo Tribunal de Justiça de Sergipe, provocou gargalhada - e inquietação - na mídia” (CartaCapital, 911, p. 16).

Em contrapartida, houve também casos em que a coordenação serve para mudar o tópico discursivo nas orações, num caso de *e* fechador de tópico, coordenando dois Movimentos:

(7) Trata-se de eliminar o estorvo eleitoral para atender à pesquisa de opinião que aponta o desfavor popular em relação ao governo, e talvez fosse do interesse do mundo curvar-se diante de mais uma fórmula criada pela genialidade brasileira (CartaCapital, Março 2016, n 894, p. 20-1).

4. Coordenação Aditiva no Português escrito: uma perspectiva funcional

4.1. Nível Interpessoal

Apesar da presença considerável de todas as camadas na análise do nível pragmático, a incidência de Atos foi mais marcante, com 57,9% de frequência. Foram analisadas 28% das ocorrências como Movimento, e 14,1% como Conteúdo Comunicado, conforme mostra a Tabela 2.

As relações de coordenação aditiva que se aplicam a esse nível podem ser simétricas ou assimétricas. Contudo, a simetria ficou reservada aos Atos Discursivos e aos Conteúdos Comunicados, uma vez que à camada do Movimento não cabe tal distinção em função de seu possível papel, na análise do corpus aqui visto, apenas como fechador de tópico.

4.1.1. Movimento

A coordenação entre Movimentos foi mais evidente nas

ocorrências em que observa a relação entre duas porções do texto, cuja associação se dá no nível do discurso. Em todos os casos encontrados, o segundo segmento atua como encerramento do tópico aberto no primeiro, mesmo que não seja este muito extenso, como mostra o exemplo (8).

(8) Agora, diz o jornalista, fica claro que essa nunca foi a intenção. *E quem experimenta a ira do governo é o próprio Hizmet* (CartaCapital, Abril 2016, 911, p. 42).

Em casos como (8), o primeiro movimento, “agora, diz o jornalista, fica claro que essa nunca foi a intenção”, possui um único ato cuja ilocução é declarativa, servindo de conclusão a tudo que foi mencionado no texto como um todo. O segundo movimento, “E quem experimenta a ira do governo é o próprio Hizmet”, encerra não apenas o assunto, mas indica ao interlocutor, no caso o leitor, que se encerra o tópico até então abordado. Fica evidente a impossibilidade de analisar os dois segmentos como fazendo parte de uma mesma estrutura, e, assim, não é cabível pensarmos em simetria entre dois trechos tão nitidamente não contíguos.

Outro exemplo de Movimento como fechamento de tópico é encontrado em (9):

(9) [...] já vimos isso em janeiro com vazamentos contra o ministro Jaques Wagner, afirma Leonardo Avritzer, presidente da Associação Brasileira de Ciência Política. *E o pior: a interferência de Moro e companhia no jogo parece ter feito escola fora do Paraná* (CartaCapital, Março 2016, n 892, p. 19).

Uma marca ortográfica aparente, nesse caso de coordenação no Nível Interpessoal, é o ponto final. Não foram todos os casos de e após um ponto final que resultaram em uma análise como essa, mas todos os casos em que se constata a coordenação de Movimentos, o segundo aparece após um ponto final. Essa marca ortográfica é responsável por indicar uma pausa longa, como a que se deduz haver entre dois Movimentos. Contudo, em alguns caso, o ponto final marca apenas uma pausa moderada, separando dois Atos Discursivos:

(10) É verdade que a expectativa de vida tem aumentado, motivo para justificar ajustes periódicos no regime de aposentadorias. *E também é fato que o governo oferece o controle dos proventos dos velhinhos em troca da aprovação da CPMF [...]* (CartaCapital, Fevereiro 2016, n 889, p. 16).

No exemplo acima, estamos diante de dois Atos Discursivos de Ilocução declarativa, posto que a semelhança pragmática dos modificadores “é verdade que” e “é também fato que” exalta não apenas a proximidade argumentativa de tópico como o a correlação das afirmações que os seguem.

4.1.2. Ato Discursivo

Na visão da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), a coordenação entre duas orações consiste na conjunção de dois atos discursivos equipolentes, isto é, com igual estatuto comunicativo. No segmento (11), vemos um exemplo como este sugerido pelos autores:

(11) A lei é clara o bastante até ao entendimento do mundo mineral, *e não há como incluir Dilma Rousseff no rol dos merecedores de impedimento* (CartaCapital, Abril 2016, n 897, p. 16).

Ao empregar um modificador pragmático (clara) no primeiro Ato Discursivo, o autor do enunciado deixa evidente seu intuito argumentativo de relatar a incompatibilidade contida na ilocução declarativa contida no segundo ato, “não há como incluir Dilma Rousseff no rol dos merecedores de impedimento”.

Das ocorrências encontradas, que totalizam 31% da amostra, 11,2%, isto é, aproximadamente um terço (36,1%), apenas dispõem de relação simétrica entre os membros coordenados, estando o resto sujeito a uma relação de assimetria cuja natureza é discursiva; resta, desse modo, impossível alterar a ordem dos membros coordenados por questões de ordem pragmática. Os exemplos (12) e (13) abaixo representam, respectivamente, um caso de Ato Discursivo simétrico

e Ato Discursivo assimétrico:

(12) Hoje presidente do Congresso afirmou que o colega perdeu a chance de ser presidente por ser “estreito” e o aconselhou a ter “dimensão da democracia” (CartaCapital, Março 2016, n 894, p. 17).

(13) Somos o que somos, e é doloroso aceitar mais esta inegável evidência (CartaCapital, Abril 2016, n 898, p. 17).

Em (12), é incontestável a equipolência entre atos, cuja ordem poderia ser alterada sem prejuízo de sentido (12):

(14) hoje o presidente do Congresso aconselhou o colega a “ter dimensão da democracia” e afirmou que ele perdeu a chance de ser presidente por ser “estreito”.

Contudo, (13) mostra uma relação indubitavelmente assimétrica entre as orações. O primeiro Ato consiste numa expressão cristalizada de uso comum, cuja emergência serve como instrumento para buscar no interlocutor todo o efeito de significado evocado pelo enunciado; em seguida, o locutor exprime sua opinião sobre a primeira afirmação, considerando-a “inegável”. Desta forma, não poderia ocorrer “(?) é doloroso aceitar esta inegável evidência e somos o que somos”, posto que o segundo Ato Discursivo, de locução Declarativa, só faz sentido quando posposto ao primeiro Ato Discursivo.

4.1.3. Conteúdo Comunicado

Para a verificação da incidência nessa camada, foi levada em consideração a presença obrigatória de duas orações substantivas subordinadas a um predicado que revela a intenção comunicativa do falante de evocar aquele conteúdo comunicado.

(15) A Declaração afirma, por exemplo, que TRIPS ‘pode e deve’ (can and should) ser lido como autorizando medidas que garantem o acesso a medicamentos para todos” (CartaCapital, Abril 2016, 911, p. 30).

No exemplo acima, constata-se principalmente a intenção de comunicar uma determinada mensagem, codificada pelo verbo *afirmar*, que possui dois argumentos oracionais encaixados a ele. Embora poder-se-ia considerar essa coordenação como simétrica, graças à eventualidade de uma inversão que não altera o sentido, o fato de ser uma expressão cristalizada nos convida a interpretar como um caso de coordenação assimétrica. Assim, a não-gramaticalidade de (16) se dá por razões de uso costumeiro, e não de impossibilidade do sistema linguístico do português:

(16) (*)...afirma, por exemplo, que TRIPS deve e pode...

Olhemos agora para o exemplo contido em (17):

(17) Para ele, a pobreza e os conflitos são reflexos da educação precária oferecida às *populações e, por isso, o objetivo final do Hizmet é educar as pessoas e 'mudar seus corações'* (CartaCapital, Abril 2016, 911, p. 41).

Diferentemente do caso anterior, em (17), a incidência da coordenação na camada do Conteúdo Comunicado se deve à locução "Para ele", que atribui a um falante a mensagem, o que claramente evidencia a tentativa de comunicar determinada informação.

Nesse caso, a assimetria acontece no nível discursivo. O emissor da mensagem considera que a pobreza e os conflitos são reflexos da educação precária oferecida às populações, e é essa a razão do objetivo final do Hizmet ser a educação das pessoas. A assimetria acontece num nível discursivo, em que a segunda oração é a consequência do que propõe a primeira, ao passo que a primeira evoca a causa da segunda, e uma não poderia ser alternada com a outra sem prejuízo total do sentido. Cabe argumentar ainda, neste sentido, a presença da expressão *por isso*, que só aparece no Nível Morfossintático, mas serve justamente para reforçar o caráter consecutivo da segunda oração.

No exemplo anterior, a conjunção *e* serviu apenas como elemento conector, já que a relação entre as orações ultrapassa muito

o domínio da adição, fazendo-se necessária uma outra conjunção, por sua vez, causal. Alguns casos, como o de (18), contudo, mostram incontestável simetria:

(18) Na conversa, o ministro, que a partir de agora comandará o processo no Senado, disse que até aqui tudo tem sido feito conforme um rito legal. *E indicou que o STF poderia examinar o mérito do impeachment (CartaCapital, Maio 2016, n 901, p. 24).*

Os verbos *dizer* e *indicar*, que servem de predicadores, são responsáveis por revelar a existência de dois Conteúdos Comunicados, isto é, estão coordenadas aí duas orações que transmitem uma mensagem evocada. Desta vez, pode-se falar em coordenação simétrica, como observamos também a seguir, em (19):

(19) Para ele, com tanta desigualdade, 'o Brasil não comporta um governo radical de direita', e os donos provisórios do poder 'estão loucos' ao propor o congelamento por 20 anos de gastos com saúde e educação (CartaCapital, Abril 2016, 911, p. 22).

Por fim, destacamos que a dependência morfossintática só foi observada na análise dessa camada. Uma vez que o processo de coordenação resulta em uma relação de independência entre as orações, a dependência morfossintática é observada apenas no caso de dois conteúdos comunicados coordenados entre si estarem subordinados a uma predicação principal.

4.2. Nível Representacional

A análise da coordenação no Nível Representacional mostra uma frequência majoritária da presença da camada Estado de Coisas, com 83,8% das ocorrências. Também foram observados casos de coordenação de Conteúdos Proposicionais (7,6%) e Episódios (8,6%), conforme a Tabela 3.

É importante ressaltar que, nesse nível, também se detectam casos de simetria e de assimetria; o primeiro tipo de relação se refere apenas à adição de orações, observável em um número consideravelmente pequeno de ocorrências; e o segundo se refere

sempre a casos de sequência em que a irreversibilidade da ordem das orações marca uma relação icônica com a ordem dos eventos.

4.2.1. Conteúdo Proposicional

A camada dos Conteúdos Proposicionais tem por delimitação a existência de uma relação que reporta uma ação não identificável no tempo e no espaço, detectada apenas por seu caráter de realidade ou não. Em (20), observamos o primeiro caso, ao passo que em (21) temos o segundo caso.

(20) Observando em perspectiva, (se pudéssemos reviver aquele período) focaríamos os direitos dos acusados *e teríamos a cabeça mais fresca para reportar os fatos* (CartaCapital, Abril 2016, 911, p. 42).

(21) Além do fator preço, novas concessões significariam o aumento de oferta do produto em um mercado saturado *e exigiria um fôlego financeiro em falta na Petrobras* (CartaCapital, Janeiro 2016, n 885, p. 20).

Em (20), a presença da conjunção condicional *se*, mesmo que dentro de parênteses, evidencia ao interlocutor o caráter hipotético das afirmações que se seguem. O segundo exemplo, (21), por seu lado, é um caso em que a hipoteticidade está presente apenas no uso da flexão verbal Futuro do Pretérito do modo Indicativo. Para tal camada, observaram-se, portanto, fatores morfossintáticos que pudessem denotar o caráter *irrealis* de dois membros, ao invés de um acontecimento de fato.

4.2.2. Episódio

A análise dessa camada demanda a verificação da relação de tempo absoluto entre as orações coordenadas. A marcação de tempo absoluto distingue completamente dois eventos, cuja coordenação, em todas as ocorrências que incidem nesta camada, dá-se em uma sequência localizada em dois momentos bem marcados, como se vê em (22):

(22) O telefonema grampeado entre Dilma e Lula ocorreu à 1h32 da tarde, e Moro recebeu seu conteúdo às 3h34 (CartaCapital, Março 2016, n 893, p. 16).

Os sintagmas preposicionais de tempo à 1h32 e às 3h34 explicitam o tempo absoluto de cada situação, ao incidir como modificador de cada um desses episódios. Outro caso aparece em (23):

(23) Triunfante até aqui, exibiu força política suficiente para escapar no Conselho de Ética e, agora, torce para uma troca no Planalto sepultar a Lava Jato, sabe-se lá como (CartaCapital, Abril 2016, n 898, p. 23).

No exemplo contido em (23), depara-se com uma separação menos evidente de tempos absolutos; contudo, a interpretação do significado estabelecido entre as frases nos permite uma leitura de momentos distintos e bem marcados. Com efeito, em um momento “exibiu força política suficiente” e, num momento posterior, distante do comunicado no primeiro episódio, “agora, torce para uma troca no Planalto sepultar a Lava Jato”. A presença de vírgula antes do modificador temporal ativa uma suspensão na leitura, que também pode ser refletida na fala (ou mesmo uma leitura em voz alta) na forma de uma pausa fonológica, dando destaque, assim, justamente à separação em dois momentos como momentos temporalmente bastante distintos, o que configura, portanto, uma coordenação entre episódios.

4.2.3. Estados de Coisas

À coordenação de Estados de Coisas, cabe uma atenção especial, uma vez que se trata da camada mais frequente na análise do Nível Representacional. Fornecemos abaixo dois exemplos em que se observou a coordenação de Estados de Coisas, sendo o primeiro simétrico e o segundo assimétrico (25):

(24) Em meados da década de 1970, pintou plaquinhas e fez

manifestações solitárias em praças de Porto Velho contra o desmatamento” (CartaCapital, Abril 2016, 911, p. 11).

(25) Ao ser formado, em 2001, o AKP abandonou esse discurso e passou a pregar posições pró-Occidente e pró-livre mercado ao mesmo tempo que defendia um firme conservadorismo social (CartaCapital, Abril 2016, 911, p. 40).

A presença de simetria no exemplo (24) mostra que, semanticamente, trata-se de uma relação não rígida entre dois estados de coisas relacionados por um tempo relativo. No caso, é justamente o caráter adjetivo das duas orações que lhes confere a simetria, já que ambas têm como escopo o termo Erdogan, o agente do Estado De Coisas seguinte.

O exemplo (25), por sua vez, é constituído por duas orações simples, organizadas morfossintaticamente de forma a representar a ordem temporal dos eventos no mundo real. Em um primeiro momento, o agente abandona um discurso para que então possa começar a pregar outro, dois acontecimentos que estão temporalmente modificados pelo mesmo conjunto lexical, em 2001.

Quanto a essa distinção, das 78 ocorrências de coordenação entre estados de coisas, apenas 18 (23%) são casos puros de adição, por representarem relação de simetria entre os membros, cabendo a todas as outras (76%) uma análise assimétrica de ordem temporal, o modelo de assimetria esperado na observação do nível semântico.

4.3. Manutenção de tópico discursivo na coordenação aditiva

Quanto à manutenção do tópico discursivo no processo de coordenação, observou-se uma distribuição bastante equitativa entre os Níveis, porém não nas camadas que os constituem.

Do total de ocorrências, verificou-se, em 89% (178/200), a manutenção de tópico, das quais 52,9% no Nível Interpessoal e 47,1% no Nível Representacional.

Contudo, dentro dos Níveis, as orações se organizam de modo diferente. Na análise do Nível Interpessoal, a camada do Movimento, como finalizador de tópico, acarreta, na maioria das vezes, também em mudança de assunto em 63,3% das ocorrências. O

ato discursivo, por seu turno, mantém-no em quase a totalidade das vezes (93,5%), enquanto o Conteúdo Comunicado, mantém o tópico em 73,3% das ocorrências. A não manutenção mais recorrente na camada mais alta, a do Movimento, não surpreende dado seu papel de encerramento de argumentação já mencionado. Todas as vezes em que manteve o tópico, tratava-se da conclusão de um raciocínio encerrado pela conjunção *e*, conforme mostra (26):

(26) Falou-se em 500 mil também por ocasião do comício das Diretas Já, em janeiro de 1984, *e aquele, sim, foi um evento empolgante, exemplo de bravura no desafio a ditadura* (CartaCapital, Março 2016, n 893, p. 23).

Já a quase constante manutenção do tópico nos Atos Discursivos parece surgir como um reflexo da argumentação, que se estrutura dentro de um movimento único e, por isso, faria pouco sentido alterar o tópico de um ato de fala. A camada do Conteúdo Comunicado mostra uma incidência significativa de manutenção de tópico, talvez por se tratar de um único assunto na mensagem evocada. Acreditamos que os poucos casos de mudança tenham se dado em razão da junção de dois tópicos distintos que se combinam para formar um único argumento, tal como o exemplo (27):

(27) Janot escreve: “Não podemos permitir que as paixões das ruas encontrem guarida entre nossas hostes” *E disse ainda: “O Ministério Público não tem ideologia nem partido”* (CartaCapital, Março 2016, n 894, p. 18).

No Nível Representacional, a camada do Conteúdo Proposicional e do Episódio mantiveram o tópico em sua totalidade, juntamente à camada do Estado de Coisas que, embora não em todos os casos, manteve o tópico em 96% das ocorrências. Não surpreende esse resultado em face da semântica de adição ou de sequência temporal encontradas em todas as coordenações desse nível. Parece difícil haver mudança de tópico em uma adição de orações ou no momento de reportar uma sequência de dois eventos, o que se dá em apenas 4% dos casos, como no exemplo (28):

(28) Na Câmara, o deputado Leonardo Picciani, líder da bancada, disse que Lula é um “craque” que pode estar em um “time errado” e *teve de se virar para indicar os integrantes da comissão do impeachment aprovados no plenário na quinta-feira 17* (CartaCapital, Março 2016, n 893, p. 19).

O que se observa em ambos os casos de mudança de tópico, é que se dá também uma simetria das orações, ainda que não disponham de relação uma com a outra. Nos casos de manutenção do tópico, no entanto, a simetria se restringe apenas a casos aditivos, sem qualquer ocorrência na coordenação de eventos temporalmente ordenados.

Afinal, constatou-se uma possibilidade maior de alternância de tópico no nível pragmático, o que pode se dar justamente por conta das necessidades retórico-argumentativas, e uma quase constante manutenção de tópico no nível semântico, em que as relações normalmente existentes entre as orações - de adição ou temporalidade - são pouco concebíveis diante da eventual escolha de dois assuntos diferentes que se coadunam para formar o sentido.

Considerações finais

Em vias de conclusão, a análise das ocorrências nos permitiu enxergar o modo de ocorrência da coordenação aditiva de uma perspectiva funcional. Para tanto, observamos o Nível e Camada de incidência da coordenação, bem como a presença ou não da assimetria e, por fim, como se dá a manutenção de tópico nos casos observados.

A incidência se dá, como já mencionado, quase igualmente distribuída entre os dois níveis, o que nos leva a crer que a coordenação aditiva regida pela conjunção *e* pode tão bem servir a fins pragmáticos quanto a fins semânticos. Contudo, no Nível Interpessoal, a relação que se observou entre as orações é de cunho discursivo: fechamento de tópico, para a camada do Movimento; relação retórica entre as orações, para as camadas Ato Discursivo e Conteúdo Comunicado. No Nível Representacional, por sua vez, observou-se uma relação de sequência temporal entre as orações, o

que se aplica às três camadas, e outra de adição, esta que aparece apenas na camada do Estado de Coisas.

No nível mais alto, não se considerou a presença de simetria para a camada do Movimento, devido à inadequação de tal ocorrência, já que, nesse nível, dificilmente se tem uma relação entre orações, mas entre segmentos mais abrangentes que constituem a totalidade do discurso; e, nos casos vistos aqui, o papel do Movimento é fechar o tópico do texto que o precede. Raramente se observou simetria entre Atos e Conteúdos, uma vez que predomina entre essas camadas a relação de ordenação argumentativa.

A simetria no Nível Representacional ocorre nas camadas do Conteúdo Proposicional e nos Estados de Coisa, onde se constata sempre casos de conjunção *e* coordenando duas orações aditivamente, sem relação temporal. Nos casos de incidência na camada do Episódio, não se observa simetria, e sim relação de temporalidade entre dois eventos que acontecem em dois tempos absolutos distintos.

Constatou-se a dependência morfossintática, como discutido anteriormente, apenas na coordenação entre Conteúdos Comunicados, em que duas orações servem de argumento as predicados *dicendi*, como *dizer* ou *afirmar*.

Conclui-se, por fim, que a conjunção *e* tem um papel de coordenação coringa, servindo não apenas para conectar casos de adição, mas também a relações que vão desde a ordenação retórica, a serviço do propósito comunicativo do falante, até a de sequência temporal, função que vai ao encontro da incidência majoritária de assimetrias.

OLIVEIRA, P. H. T. A coordenação aditiva na língua escrita: uma perspectiva funcional. *Mosaico*. São José do Rio Preto, v.19, n. 1, p. 96-119, 2020.

ADDITIVE COORDINATION IN WRITTEN BRAZILIAN PORTUGUESE: A FUNCTIONAL APPROACH

ABSTRACT: This work describes the functioning of additive coordination of clauses in written Brazilian Portuguese based on the levels and layers of Functional-Discourse Grammar

model of analysis (Hengeveld; Mackenzie, 2008). The corpus chosen involves twelve editions of the national magazine *CartaCapital*, in which were examined the relations of symmetry based on relations of semantic dependency and topic preservation, along with the layer of incidence of each clause in Interpersonal and Representational levels.

KEYWORDS: coordination; additive; written; portuguese; FDG -functional-discourse Grammar

Referências bibliográficas

- CAMACHO, R.G. Estruturas coordenadas aditivas. In: NEVES, M.H. M. (Org.) *Gramática do Português Falado*. Campinas: Humanitas-FFLCH-USP/Editora da UNICAMP, 1999, P. 351-406.
- CAMACHO, R.G.; PENHAVEL, E. Uso multifuncional e níveis de análise: interface gramática e discurso. *Revista do GEL*, v. 1, n.1, 2004, p. 101-121.
- DIK, Simon. *The theory of Functional Grammar. Part I: The structure of the clause*. New York: Mouton de Gruyter, 1997a.
- DIK, Simon. *The theory of Functional Grammar. Part II – Complex and derived constructions*. New York: Mouton de Gruyter, 1997b.
- HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, John Lachlan. *Functional Discourse Grammar: Atypologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- PEZATTI, Erotilde Goreti; LONGHIN, Sanderléia Roberta As Construções coordenadas. In: NEVES, M. H. M.; ILARI, R (Org.) *A Construção das orações complexas – Gramática do português culto falado no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2016, p. 13-68.
- TAGLIAMONTE, S. A.; ROBINSON, J. S.; LAWRENCE, H. R. G. 2001: *a multivariate analyses application for Windows*, 2001.

Tabelas

Tabela 1. Dados Gerais das Orações Coordenadas⁴

Camadas do Nível Interpessoal	Ocorrências	% (total)
Movimento	30	15%
Ato Discursivo	62	31%
Conteúdo Comunicado	15	7,5%

⁴ Fonte: Autoria própria.

Total	107	53,5%
Camadas do Nível Representacional	N	% (total)
Conteúdo Proposicional	7	3,5%
Episódios	8	4%
Estado de Coisas	78	39%
Total	93	46,5%

Tabela 2. A Coordenação no Nível Interpessoal.⁵

Camadas do Nível Interpessoal	Ocorrências	% (NI)
Movimento	30	28%
Ato Discursivo	62	57,9%
Conteúdo Comunicado	15	14,1%
Total	107	100%

Tabela 3. A Coordenação no Nível Representacional⁶

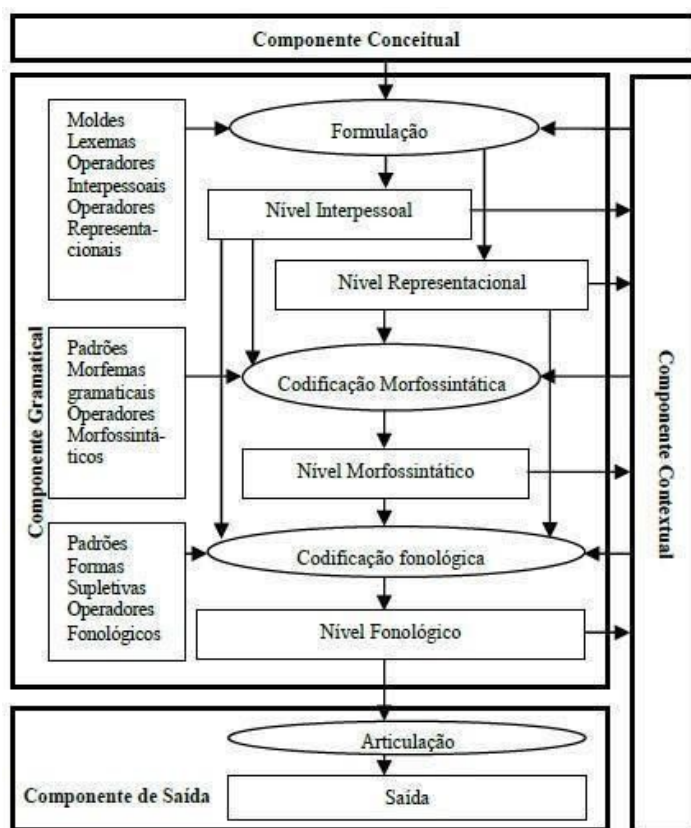
Camadas do Nível Representacional	N	%
Conteúdo Proposicional	7	7,6%
Episódios	8	8,6%
Estado de Coisas	78	83,8%
Total	93	100%

Figuras

⁵ Fonte: Autoria própria.

⁶ Fonte: Autoria própria.

Figura 01. Layout geral da GDF⁷



⁷Adaptado de Hengeveld e Mackenzie, 2008, p. 13.
MOSAICO, SJ RIO PRETO, v. 19, n. 1, p. 96-119